

"Mayombe", de Pepetela, e "Jornada de África", de Manuel Alegre: aproximações e afastamentos — uma interleitura

Rui de Azevedo TEIXEIRA
(Universidade Aberta)

*A modernidade é o transitório,
o fugidio, o contingente, a metade da arte,
cuja outra metade é o eterno e o imutável.*

(Baudelaire, "O pintor da vida moderna")

As semelhanças

Um resumo severo e simples de *Mayombe* (1979) diria que se trata de um romance que gira à volta do eixo constituído por um grupo de guerrilheiros do MPLA, comandados por Sem Medo, que tem a sua base na floresta do Mayombe, em Cabinda, e o seu "santuário" em Dolisie, no Congo-Brazza. Por seu turno, uma concentração do narrativo de *Jornada de África* (1989) far-se-ia em torno de Sebastião e das suas andanças políticas e universitárias e, em especial, da sua comissão militar, no Norte de Angola. Assim, a nível do romanesco, os dois romances poderiam encaixar-se, formando um díptico contrastivo em que cada um dos painéis representaria um dos lados em confronto na guerra de guerrilha de 1961-1974.

Para além do tema e pano de fundo comuns da mesma guerra, *Mayombe* e *Jornada de África* apresentam ainda, pelo menos, três relevantes aspectos que os irmanam: o pendor autobiográfico, a ausência da mulher negra e a índole ensaística. A autoficcionalização, a volição de se criar a si próprio, é menos intensa em Pepetela do que em Manuel Alegre. O autor angolano reparte-se no seu romance, de modo modesto, pelos ângulos de Sem Medo e de Teoria: o Comandante é o porta-voz ideológico - um marxista "herético" - de Pepetela e este abre a Frente Centro como era desejo do Comandante; e Teoria é, tal como Pepetela o foi, o responsável pela Educação em Cabinda, acrescentando a isto que Teoria é um mulato, um "talvez" entre "sim ou não, branco ou negro", sendo que Pepetela, sem o ser, tem contudo alguma mistura de sangues. Alegre, por seu lado, projecta-se, mas longe do puro decalque, no seu alferes Sebastião, uma vez que ambos estudaram em Coimbra, fizeram, num grupo de "poucos, poucos e loucos", política nos Açores, e bateram-se em Angola. Os índices autobiográficos não se quedam, porém, no Sebastião estudante, político e militar - o poeta de *O Canto e as Armas* também emerge como matéria intratextual de *Jornada de África* na figura do "Poeta", reconhecendo-se, além disso, no que é consabido, como admirador aberto de Camões - "Ninguém voltará a escrever o português assim. Tudo nele canta: as consoantes e as vogais, o com e o que..."¹. Neste ponto das influências e gratidões poéticas, Manuel Alegre, ou o narrador por ele empossado, vai mais longe ao deixar ainda entreouvir as vozes de Pessanha, Pessoa ou Rilke.

No que respeita à figura da negra, em *Mayombe* e *Jornada de África* ela não só não surge como agonista como também não aparece sequer a título de comparsa. A invisibilidade da negra, para ecoar o célebre título de Richard Wright, é uma evidência nas duas obras. O papel do feminino, particularmente como inspirador de paixões, está a cargo de mestiças - Leli, filha de

um comerciante português, de um fobeiro, que queria para ela um marido branco, para "adiantar a raça", é a paixão sem remédio de Sem Medo; Ondina, "menina de Luanda", é uma jovem digna com um destino de Helena de Tróia, incendiando corações e acendendo guerras por onde passa; e, no livro de Alegre, é Bárbara, uma "Bárbara cativa" que ressoa à das "Endechas" de Camões, quem faz Sebastião sentir-se, no grande paradoxo da paixão, simultaneamente no centro do mundo e separado dele. A mulher negra, a "escrava do escravo", como sustenta Joana Ruas nesse romance com páginas brilhantes mas trabalhosamente desconseguido que é *A Pele dos Séculos*, prima por ser uma ausência monumental - a negra não existe nos dois romances.

Quanto à vertente ensaística, ela é óbvia em *Mayombe* e camuflada em *Jornada de África*. São inúmeras, e algumas vastas, as passagens do romance angolano nas quais se ensaiam diversos temas, em geral pela via do diálogo – *Mayombe* é uma narrativa eminentemente dialogal. Estes ensaios orais são, na maioria, feitos por Sem Medo, um estudante de economia tornado guerrilheiro, um teórico endurecido pela mais áspera das práticas, o que lhe dá mais do que ciência, sabedoria. E é, em especial, com o inexperiente Comissário, idealisticamente achacado de marxismo-leninismo, e com a experiente e quente – um "vulcão" – Ondina, que o "veterano da guerra e dos homens" Sem Medo finamente e sem sombra de erística conversa. Os principais assuntos cobertos nestes debates no "deus-Mayombe" e em Dolisie são a ideologia, a Revolução, a religião, o tribalismo, a mestiçagem, o amor, a solidão, o medo e a figura do grande operacional, do perfeito gestor de combates, o qual, em acção, atinge "o êxtase sensual de dominar, arriscando friamente, lucidamente". Em *Jornada de África*, pelo contrário, a componente de ensaio não se oferece nem em abundância nem sequer logo no primeiro degrau de leitura, antes se insinua como filamento difuso no complexo corpo do romance. Este *ensaísmo de campo*, como já escrevi noutro lugar², tem como temas favoritos a essência da Pátria e do Ser portugueses e a superioridade da poesia em relação à prosa – assuntos naturais, diria até consubstanciais, ao patriota e poeta que é, reconhecidamente, Manuel Alegre.

As grandes diferenças

O romance é um género literário que "é a imagem da palavra que o designa: flutuante e em perpétua expansão"³. O romance não é canonizável, é completamente flexível, o mais solto dos géneros⁴. Da comparação entre *Mayombe* e *Jornada de África* resulta uma clara abonação da mobilidade do romance, um exemplo forte da sua a-canonidade. Apesar dos importantes pontos comuns referidos, os dois romances revelam concepções diferentes, se não opostas, do que pode ser o contra-género da epopeia, ou a "epopeia burguesa", como lhe chamou Hegel nas suas *Vorlesungen Über Aesthetic*.

O centro diferencial das obras de Pepetela e Alegre repousa na dicotomia verdadeiro/falso, termos antitéticos que uso aqui por facilidade operatória e com extremo cuidado⁵. Os pólos desta dicotomia de raiz, detectáveis a partir da intenção autoral inscrita nos respectivos módulos textuais dos romances⁶, expandem-se depois, paralelamente, numa cadeia de oposições substantivas de vários tipos, configurando dois romances com identidades diversas. Assim, o romance de Pepetela vira-se muito mais para a *verdade* do que o de Alegre, o seu co-texto aproxima-se muito mais do respectivo con-texto do que em *Jornada de África*. Regido pela chamada "convenção F" (factos), *Mayombe* é uma obra que, submetendo-se ao código do realismo, além de ficar mais próxima dos factos que dos efeitos, cria um "horizonte de expectativa" mais nítido no leitor; por

sua vez, conduzido pela "convenção E" (estética), o romance de Manuel Alegre irradia mais significações, o que, traz como consequência uma maior liberdade semiótica a quem o lê. O primeiro é uma narrativa que não se discute, que não duvida de si enquanto forma literária – é um romance militante, instrutivo, e de recorte tradicional, com uma diegese e personagens de contornos claros; o segundo ensarta no seu correr romanesco fragmentos metanarrativos, nos quais se discute, se mostra na sua fisiologia escritural, se faz auto-ironia e auto-paródia, subvertendo as coisas para mostrar que se está num universo de representação, de artifício – é um romance com laivos pós-modernos, sendo retintamente anti-pós-moderno, por exemplo, nos seus sentidos de causa e ético.

A diferença matricial entre *Mayombe* e *Jornada de África* ramifica-se em boa parte dos seus principais elementos constitutivos. As categorias da narrativa em que os dois romances mais se distinguem são a linguagem, a instância de narração, o tempo, o protagonista e o código ideológico. A linguagem de *Mayombe*, sem qualquer excesso de literário, é apenas um pouco mais do que simplesmente cuidada (caso contrário não haveria, as reverberações, os ressaltos de sentido e de beleza, da arte verbal); por seu turno, em *Jornada de África* dá-se uma diversidade de registos – jornalístico, realista, argótico, historiográfico ou simbólico – que se deixa enriquecer por um frequente sussurrar poético. No que tange à narração, o romance de Pepetela opta por uma solução bastante simples: um narrador onisciente que, regular e curtamente, delega a sua tarefa efabulatória numa série de narradores-guerrilheiros, os quais, dando-se a conhecer, abrem, em cursivo, a generalidade dos capítulos⁷; Alegre, por seu lado, com alguma recorrência, faz da instância de narração um lugar problemático, onde os institores – narrador e autor textual – e o autor empírico se substituem, degladiando-se por vezes, como responsáveis pela progressão sintagmática.

Quanto à questão do tempo, em *Mayombe* é o presente narrativo que comanda, havendo, no entanto, alguns recuos, pela memória, ao tempo histórico do eclodir da guerrilha e aos tempos pessoais dos guerrilheiros, e um ou outro avanço, na direcção da Independência e da Revolução, mas apenas pelo calor do debate e do desejo, nomeadamente no trio amoroso-revolucionário Sem Medo, Comissário e Ondina. A dimensão temporal mais importante de *Jornada de África* é histórica, prende-se com a tripartição do tempo português: o presente, sufocante de agonia, enreda-se *fabulosamente* com o passado, em linhas de mitificação, quer da vitória – a Expansão, Camões –, quer da derrota – Dom Sebastião e Alcácer –, e articula-se com um futuro que se deseja da comunidade da língua e das afinidades culturais, de sangue e afectivas. Em suma: *Mayombe*, um romance que, tal como se diz em *As Lágrimas e o Vento*, de Manuel dos Santos Lima, lida com o "fenómeno espantoso e complexo que é a gestação de uma pátria", tem forçosamente um presente com pouco passado e um desejo ardente de futuro; o presente de *Jornada de África* é um presente velho de passado, avassalado por ele, mas ainda assim crente num futuro, no qual, corrigida a situação colonial, a dialéctica opressor-oprimido se dissolve em fraternidade.

No que toca aos protagonistas dos romances angolano e português, estes, se são construídos, basicamente, segundo a fórmula do herói – bravura, honra, patriotismo –, apresentam contudo diferenças assinaláveis de grau e também de natureza. Sem Medo é um herói completo – belo, bom e verdadeiro, luta bem por uma causa justa e, paradigmaticamente heróico, morre bem, densificando o seu próprio mito emergente; Sebastião é um herói em potência e no lado errado da guerra. É também, contrariamente a Sem Medo, uma personagem que se pode desconstruir, como quando se torna num simples operador, num autómato, despido da espessura da personagem

tradicional, ou que pode arquiconstruir-se, ganhando densidade simbólica, espiralando-se, como quando se sente eco de antepassados, do seu homónimo histórico e de outros. Sem Medo vive na e para a história que se narra, embora algo dele possa vir a sobrar, como *exemplum*, à semelhança, no plano da realidade histórica, de um Hoji ya Henda; Sebastião não tem praticamente limites, uma vez que, numa "dupla pregnância", para citar com algum desvio Isabel Allegro de Magalhães⁸, não é apenas a força centrífugadora que atrai os outros elementos do romance, é também objecto de uma força centrípeta, que não só o tira para fora de si, da sua faceta de personagem clássica, coesa, como para fora do romance e para dentro da História mitificada, enquanto súplica do Ser português, enquanto símbolo do homem português de linhagem, o que, aliás, sem qualquer aventureirismo hermenêutico, se poderá estender ao próprio Manuel Alegre.

Finalmente, no que se refere à categoria ideológica, que sobredetermina a substância dos romances, *Mayombe* revela-se, no seu moderado poder épico e panfletário⁹, cepticamente obediente aos ditames marxistas e leninistas, nos quais vê as debilidades e o encardido. Com um Sem Medo que desconfia das abstrações filosóficas e defende o saber autêntico, enraizado na vida, *Mayombe* faz séria pedagogia revolucionária, recusando o discurso fixista da ortodoxia, discutindo a corrupção do MPLA ou os desajustes entre ideologia e comportamentos individuais, mas apoiando a criação do *homem novo*, nascido da guerrilha. É assim um romance, discreto, de *Aleluia*¹⁰. *Jornada de África*, por sua vez, deixa-se orientar por um mais poroso complexo ideológico. Defensor dos valores do socialismo burguês, do republicanismo, da portugalidade e da poesia, o romance de Alegre tem necessariamente menos efeito perlocutivo e, se há figura que corporize o seu centro ideológico, essa será, não o *homem novo*, mas o *português antigo* – subsumido no velhíssimo jovem Sebastião - agora com a nostalgia da Fundação e das Descobertas, o travo da poesia e a defesa da liberdade e da solidariedade. E é um romance não épico, embora não adverso à epicidade, uma vez que a saudade da grandeza passada o marca, como se prova no Sebastião que sente "a vertigem das cargas de cavalaria" ou no Alegre que, referindo-se aos soldados portugueses da Guerra Colonial, profetiza: "Ninguém nos cantará". Neste particular, é um romance de *Requiem*, como noutra leitura crítica já propus¹¹.

As afinidades colectivas

A leitura comparativa dos dois romances, além dos traços semelhantes e das sólidas diferenças que mostra, revela ainda um outro aspecto comum, um aspecto de cúpula – o desejo de Lusofonia. Em *Mayombe*, a ideia lusófona surge de forma incoativa e intersticial – o guerrilheiro angolano consciente não odeia, a não ser no momento do mortal combate militar, o soldado português, um camponês ou um intelectual como ele, e a Língua Portuguesa, o principal factor de ligação entre as tribos e de identidade nacional, é também a língua que soldados e guerrilheiros partilham. Em *Jornada de África*, publicado dez anos depois de *Mayombe*, é já límpida a defesa de um Espaço Lusófono, depois dos sangues misturados em afecto através de séculos e do sangue derramado no confronto militar, que pela experiência comum que foi também é factor de afinidade, também aproxima os antigos inimigos.

Notas

¹ A propósito, recordo o verso definitivo de Drummond de Andrade dirigido a Camões: "Tu és a linguagem."

² "Poesia, Saudade e Quinto Império", *Visão*, 26 de Junho de 2003.

³ Roland Bourneuf e Réal Ouellet, *O Universo do Romance* (Coimbra: Livraria Almedina, 1976), p.9.

⁴ Para Mikhail Bakhtine, a flexibilidade, a mobilidade e a incompletude do romance resultam, não do facto de ser a menos perfeita das formas, como o querem, por exemplo, R. Scholes e R. Kellog (cf. *A Natureza da Narrativa*, São Paulo, McGraw-Hill do Brasil, 1977, p.198), mas devido à sua maior juventude em relação aos outros géneros e por estar ligado ao "incompleto presente", o que leva à sua abertura, o que impede a sua coagulação formal (cf. *Esthétique et théorie du roman*, Paris, Gallimard, 1978, p. 441).

⁵ As relações complexas, de vidros partidos, entre o objecto ficcional e a *empíria* que o despoleta não devem ser medidas através do simplismo oposicional entre Verdade e Mentira. Não são posições sustentáveis, nem o radicalismo que exige a correspondência rigorosa das proposições com a realidade – de um Alfredo Tarski, por exemplo –, nem mesmo o aparente equilíbrio de G. Frege, cujo entendimento estritamente intensional do objecto de ficção o leva a dizer que esse objecto não é nem falso nem verdadeiro. A ficção para, de facto, o ser tem de balançar, sem instalar-se neles, entre os pólos da fidelidade total e da total cesura semântica com o universo empírico. Como corolário, uma obra de fundamento naturalista-realista, virando-se para o registo, um dos dois lados da realidade, tenderá para mais *verdade*, e uma narrativa fantástica, ou poética, dando-se à imaginação, ao outro lado da realidade, propenderá para mais *falsidade*. E, se se seguir a posição anti-aristotélica de Foucault, para quem é a estrutura, ou a realidade enquanto possibilidade do verdadeiro, que resta, porque a substância, essa, perde-se, então será a ficção de índole realista, por via do seu maior valor documental, *estrutural*, a que vencerá na luta pela permanência.

⁶ No caso de *Mayombe*, a célula mãe do livro é um comunicado de guerra como o autor desvenda em entrevista (*Visão*, 3 de Julho de 2003, p. 138).

⁷ A título de informação, recordo que este tipo de divisão das responsabilidades narrativas entre um grupo de combatentes no âmbito da literatura da Guerra Colonial, surge, por exemplo, anteriormente, em *Sangue no Capim-Cenas de Guerra em Angola* (1963), de Reis Ventura, e, posteriormente, em *Nó Cego* (1982), de Carlos Vale Ferraz.

⁸ Isabel Allegro de Magalhães, *Capelas Imperfeitas* (Lisboa: Livros Horizonte, 2002), p.9.

⁹ Cf. de Maria Glória de Brito, "Escrita e reescrita da História em *Mayombe*", *A Guerra Colonial: Realidade e Ficção*, org. Rui de Azevedo Teixeira (Lisboa: Editorial Notícias, 2001).

¹⁰ *A Guerra Colonial e o Romance Português. Agonia e Catarse* (Lisboa: Editorial Notícias, 1998), nota 118, p. 100.

¹¹ *Ibidem*.